

Entrevista
Interview

Profa. Dra. Tatiana Rodrigues Carneiro



Especialista em gestão educacional e uma defensora entusiasta da educação inclusiva. Doutora em Entomologia, com MBA em Gestão Escolar e Educação *Online* e Tecnologias de Aprendizagem, dedica-se a investigar a transformação acadêmica.

Sua formação e atuação profissional como pesquisadora, docente e coordenadora de cursos superiores permitiram um olhar profundo sobre os desafios da pesquisa e da qualidade acadêmica. Tatiana acredita que o coordenador do futuro deve ser um facilitador de ecossistemas, utilizando a pesquisa aplicada e a heutagogia para potencializar a autonomia do aluno e a eficiência da gestão.

Evidências e práticas: a pesquisa como caminho para transformar conhecimento em impacto

A produção científica ocupa papel essencial no fortalecimento do ensino superior e na construção de soluções capazes de responder às demandas de uma sociedade em constante transformação. Mais do que ampliar o conhecimento teórico, a pesquisa estabelece conexões entre evidências, prática profissional e desenvolvimento social, permitindo que descobertas, experiências e reflexões ultrapassem os limites acadêmicos e gerem impactos concretos em diferentes contextos.

Nas últimas décadas, o Brasil avançou significativamente em volume de publicações científicas e na consolidação de sua comunidade acadêmica. Ao mesmo tempo, o cenário atual também evidencia desafios importantes relacionados à ampliação da cultura investigativa, ao fortalecimento de mecanismos de incentivo à pesquisa e à necessidade de transformar conhecimento produzido em inovação aplicada e benefícios efetivos para a sociedade.

No contexto das instituições de ensino superior, especialmente aquelas que atuam em áreas diretamente ligadas a saúde, gestão e cooperativismo, o compromisso com a produção científica representa uma oportunidade estratégica para integrar ensino, pesquisa e extensão de forma mais dinâmica e conectada à realidade. Trata-se de um movimento que fortalece a

formação acadêmica, amplia o desenvolvimento de competências críticas e cria ambientes favoráveis à inovação e à geração de conhecimento relevante.

É dentro dessa perspectiva que a Faculdade Unimed vem consolidando iniciativas voltadas ao fortalecimento da pesquisa aplicada, incentivando a participação de docentes e estudantes em projetos científicos, ampliando oportunidades de publicação e estimulando experiências capazes de aproximar teoria e prática. Nesse processo, estruturas como o Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPEX) assumem papel central ao conectar diferentes frentes acadêmicas e criar caminhos para que o conhecimento produzido na instituição alcance a comunidade e contribua para transformações reais.

Nesta edição, convidamos os leitores a acompanharem uma entrevista com a professora Tatiana Rodrigues Carneiro, editora científica da Revista da Faculdade Unimed e coordenadora dos cursos de graduação da instituição. Ao longo da conversa, a docente compartilha reflexões sobre os desafios e oportunidades da pesquisa científica no Brasil, discute o papel estratégico do NUPEX e destaca como a iniciação científica, a extensão universitária e a produção acadêmica podem contribuir para a formação de profissionais mais críticos, inovadores e preparados para os desafios contemporâneos.

A entrevista também traz perspectivas sobre o papel da pesquisa na valorização de trajetórias profissionais e sobre a importância de transformar experiências práticas e vivências do cotidiano em conhecimento sistematizado, ampliando o alcance das contribuições produzidas dentro e fora da academia. Uma leitura que reforça a ciência como instrumento de desenvolvimento e convida docentes, estudantes e pesquisadores a participarem de forma cada vez mais ativa da construção do conhecimento. Confira.

A senhora possui uma trajetória consolidada na educação superior e na pesquisa científica. Como avalia a evolução da produção científica no Brasil e quais são os principais desafios ainda enfrentados pelas instituições de ensino nesse campo?

A evolução da produção científica no Brasil é uma jornada de superação de barreiras históricas, marcada por um crescimento robusto nas últimas décadas, mas que agora enfrenta um período de ajustes estruturais e financeiros.

Se observarmos a história no Brasil, a ciência brasileira consolidou-se nas universidades públicas. No início dos anos 2000, quando eu terminava a graduação, vivemos uma era de ouro em termos de volume de publicações, chegando a ocupar a 13ª posição no *ranking* mundial de produção científica. Mas, apesar do volume, o Brasil ainda falha em transformar os artigos em produtos, patentes e inovação de mercado. Vemos muitas descobertas científicas, mas elas demoram muito para avançar e chegar ao público final.

Quando falamos das instituições privadas de ensino, como a Faculdade Unimed, o último censo do MEC mostra que elas detêm cerca de 75% das matrículas de graduação no Brasil, mas sua participação na pesquisa científica ainda é desproporcionalmente baixa. Isso ocorre porque, nessas instituições, o professor costuma ser pago apenas pela carga horária de sala de aula, o que inviabiliza o tempo necessário para a investigação científica profunda. Além disso, manter laboratórios de ponta e pagar horas de pesquisa para docentes é caro e reduz a margem imediata.

As Instituições de Ensino Superior (IES) privadas teriam agilidade para fechar parcerias com empresas, mas a falta de incentivos fiscais claros e a cultura de ensino de massa dificultam essa ponte.

Considerando o tema desta edição, "Evidências e Práticas: a Produção Científica da Faculdade Unimed", como a instituição tem estruturado sua atuação para fortalecer a pesquisa aplicada nas áreas de saúde, gestão e cooperativismo?

Hoje, na Faculdade Unimed, o Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPEX) tem buscado incentivar os alunos e docentes a produzirem pesquisas por meio dos editais de fomento, que oferecem bolsas de pesquisa para docentes e alunos. É possível submeter anualmente o projeto de pesquisa e publicá-lo posteriormente. Já tivemos artigos publicados e trabalhos apresentados em congressos internacionais, fruto dos projetos financiados. Além disso, a possibilidade de publicar na Revista Científi-

ca da Faculdade Unimed também é muito importante.

Qual é o papel estratégico do NUPEX dentro da Faculdade Unimed e como ele contribui para integrar ensino, pesquisa e extensão na formação dos estudantes?

O modelo brasileiro baseia-se no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, e o NUPEX atua como o coração integrador da Faculdade Unimed. Sua função vai muito além da gestão burocrática. Ele é o órgão estratégico responsável por garantir que o conhecimento não fique restrito às salas de aula, mas que circule entre a teoria, a investigação científica e a aplicação na comunidade.

Funciona como uma ponte entre as diretrizes acadêmicas e a prática institucional, garantindo que o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão seja cumprido, evitando que nos tornemos apenas uma "escola de cursos".

Isso porque o NUPEX integra essas três frentes através de um ciclo contínuo que enriquece a formação do estudante: do ensino para a pesquisa (o "saber por quê"), da pesquisa para a extensão (o "saber como") e da extensão para o ensino (o "saber ser").

De que forma os estudantes de graduação podem se envolver com a pesquisa científica desde o início de sua trajetória acadêmica na Faculdade Unimed? Quais são os principais caminhos disponíveis hoje na instituição?

Hoje o nosso principal caminho é o edital de pesquisa, que é publicado anualmente. O aluno que tem interesse na iniciação científica deve se candidatar, pois trata-se de um momento único na graduação. A oportunidade de ver a aplicação do que foi aprendido em sala de aula e de pesquisar, de traçar novos caminhos e descobertas é edificante para o futuro profissional.

A iniciação científica é frequentemente apontada como um diferencial na formação acadêmica. Como a Faculdade Unimed incentiva essa prática e quais impactos ela gera na formação dos alunos?

A iniciação científica ajuda na formação da maturidade intelectual, transformando o estudante de um receptor passivo em um investigador crítico capaz de problematizar a realidade e buscar soluções baseadas em evidências. Ao se envolver com a pesquisa, o aluno desenvolve autonomia, rigor metodológico e habilidades de escrita e oratória que são diferenciais competitivos tanto na academia quanto no mercado de trabalho, além de fortalecer competências socioemocionais como a resiliência e a curiosidade investigativa. Esse processo não apenas

aprofunda o conhecimento técnico, mas também promove uma formação cidadã e ética, permitindo que o futuro profissional compreenda a complexidade dos desafios sociais e tecnológicos com um olhar mais analítico e inovador.

Sempre buscamos incentivar os alunos nas aulas, mostrando a importância da ciência e por meio das bolsas de iniciação científica oferecidas nos editais de pesquisa.

No campo da extensão, como a Faculdade promove a conexão entre conhecimento acadêmico e demandas da sociedade? Poderia compartilhar exemplos de iniciativas ou formatos de atuação que têm gerado maior impacto?

Promovemos essa conexão por meio das disciplinas responsáveis pela curricularização da extensão. Nos cursos de graduação, todos os semestres temos uma disciplina denominada Atividade Multidisciplinar Integrada (AMI), que trabalha com o conceito educacional de *Service Learning*, em que o aluno oferece à sociedade algum serviço e ganha aprendizado.

Temos como exemplo a disciplina de AMI Cooperativismo Contemporâneo, na qual os alunos vão às escolas públicas de seus municípios para falarem sobre o cooperativismo, sua importância e relevância no Brasil. Temos alunos no Brasil todo e sempre nos surpreendemos com os resultados.

Já no 4º período, a temática do AMI é Empreendedorismo, e grupos de alunos dão consultoria a empreendedores que precisam de ajuda para elaborar seu plano de negócio. É muito gratificante ver os frutos colhidos dessas ações.

A revista científica também busca valorizar experiências aplicadas. Como docentes e profissionais podem transformar *cases* e vivências práticas em artigos científicos relevantes e publicáveis?

Transformar a experiência de "chão de sala" ou a rotina de gestão em produção acadêmica é um dos caminhos mais ricos para o fortalecimento do ensino superior. Muitas vezes, o que parece ser apenas uma solução cotidiana para um problema pedagógico é, na verdade, um objeto de estudo valioso.

O ideal é transformar os planos de ensino ou relatórios em pequenos esqueletos de artigos, já com problema, objetivo, literatura e método de avaliação dos dados.

O que é rotina para o docente pode ser a solução que outro profissional está buscando na literatura.

Se já está esquematizado, é só melhorar o texto e enviar para a revista.

Em termos editoriais, qual é a importância do rigor técnico na submissão de artigos, especialmente no uso de padrões como o *Open Researcher and Contributor ID (ORCID)* e a normalização dos trabalhos, para ampliar a visibilidade e a credibilidade dos autores e da revista?

O rigor técnico na submissão editorial vai além da mera formalidade estética, consolidando-se como o alicerce da confiança no ecossistema científico global. A adoção de identificadores persistentes, como o ORCID, é crucial para mitigar ambiguidades como pesquisadores homônimos e garantir que a trajetória do pesquisador seja rastreável e integrada a bases de dados internacionais.

Paralelamente, a normalização rigorosa dos trabalhos, seguindo normas como ABNT, APA ou Vancouver, assegura que o conhecimento seja recuperável por indexadores e motores de busca, elevando o fator de impacto tanto do autor quanto do periódico.

Esse zelo técnico funciona como um selo de qualidade que sinaliza profissionalismo editorial, amplia a visibilidade em repositórios de alta relevância e protege a credibilidade acadêmica contra inconsistências que poderiam prejudicar descobertas valiosas.

A Fundação Unimed, por meio do Centro Nacional de Pesquisa Clínica e Tecnologia (CNPCT), amplia as possibilidades de atuação científica. Como essa estrutura contribui para o fortalecimento da cultura de pesquisa na Faculdade Unimed?

A transformação de uma instituição em CNPCT é sempre um catalisador de produção do conhecimento. Essa estrutura fortalece a cultura de pesquisa integrando a academia ao setor produtivo e facilitando a captação de recursos externos por meio do acesso a editais de fomento.

O CNPCT estimula a interdisciplinaridade, incentiva a proteção da propriedade intelectual e transforma o conhecimento teórico em inovação aplicada (patentes e transferência de tecnologia). Isso cria um ambiente em que a pesquisa deixa de ser uma iniciativa isolada de alguns docentes e passa a ser um pilar estratégico que retroalimenta o ensino e a extensão, elevando o prestígio e o impacto social da instituição.

Pensando na trajetória profissional, como o engajamento em pesquisa e produção científica pode contribuir para a valorização de carreira de docentes, estudantes e profissionais do setor de saúde, gestão e cooperativismo?

O engajamento científico atua como um diferencial estratégico que transforma a atuação técnica em autoridade intelectual, gerando impactos específicos. Para os docentes, consolida a reputação acadêmica, facilita a progressão na carreira (como o acesso a cargos de coordenação e mestrados/doutorados) e aumenta a pontuação em indicadores regulatórios, como os do MEC. Para os profissionais, estimula o raciocínio baseado em evidências, permitindo que tomem decisões mais seguras e inovadoras. Além disso, fortalece o modelo de negócio ao gerar dados que comprovam o impacto socioeconômico das cooperativas, atraindo novos parceiros e conferindo credibilidade institucional por meio da produção de conhecimento aplicado.

E para os estudantes, antecipa o contato com a inovação, desenvolve o pensamento crítico e enriquece o currículo (*Lattes*), abrindo portas para residências, especializações e melhores oportunidades no mercado de trabalho. Cria um "portfólio de competências" que é reconhecido globalmente, garantindo longevidade e relevância profissional em setores altamente competitivos.

Por fim, que mensagem a senhora deixaria para docentes e discentes que desejam se engajar mais ativamente na pesquisa e na extensão, mas ainda não deram esse primeiro passo?

O meu conselho é que não esperem pelo projeto perfeito ou pelo domínio total das normas para começar, pois a ciência mais autêntica nasce da coragem de transformar a sua inquietação cotidiana em pergunta. Entenda que cada desafio que você resolve na ponta, seja na gestão, na sala de aula ou na assistência, carrega em si o potencial de um artigo valioso, que pode iluminar o caminho de outros profissionais. Comece sistematizando o que você já faz, busque parcerias que complementem suas habilidades e encare o rigor técnico não como uma barreira, mas como a ferramenta que dará voz e escala ao seu impacto.

Lembre-se de que a autoridade intelectual é construída na constância. Ao registrar suas vivências com método, você deixa de ser apenas um executor de tarefas para se tornar um protagonista que produz conhecimento e transforma a realidade ao seu redor.